

ROBERTO BOLAÑO

Monsieur Pain

Tradução

Eduardo Brandão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do texto © 1999 by Roberto Bolaño. Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.



Esta obra foi publicada com subvenção da Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas do Ministério da Cultura da Espanha

Título original
Monsieur Pain

Capa
warrakloureiro

Foto de capa
<?>

Preparação
Silvia Massimini Felix

Revisão
Viviane T. Mendes
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bolaño, Roberto
Monsieur Pain / Roberto Bolaño; tradução Luiz Eduardo Brandão.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Monsieur Pain
ISBN 978-85-359-1909-7

1. Ficção Chilena I. Título.

11-05735

CDD-861

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura chilena 861

[2011]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707 3500
Fax (11) 3707 3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

P: A ideia da morte aflige o senhor?

V: (Muito rápido.) Não... não!

P: Essa perspectiva lhe desagrada?

V: Se estivesse acordado gostaria de morrer, mas agora não tem importância. O estado mesmérico se avizinha o bastante da morte para me satisfazer.

P: Gostaria que o senhor se explicasse, mr. Vankirk.

V: Quisera eu fazê-lo, contudo requer mais esforços do que me sinto capaz. O senhor não me interroga corretamente.

P: Então o que devo lhe perguntar?

V: Deve começar pelo princípio.

P: O princípio! Mas onde está o princípio?

“Revelação mesmérica”,

EDGAR ALLAN POE

Sumário

Nota preliminar, 11

Monsieur Pain, 13

Epílogo de vozes: A trilha dos elefantes, 125

Paris, 1938

Na quarta-feira 6 de abril, ao entardecer, quando eu ia saindo de casa recebi um telegrama da minha jovem amiga madame Reynaud solicitando minha presença em caráter urgente naquela mesma tarde no Café Bordeaux, localizado na rue de Rivoli, não muito longe da minha residência e a uma hora em que eu ainda, se me apressasse, podia chegar com pontualidade.

O primeiro sintoma da singularidade da história em que eu acabava de embarcar se apresentou logo em seguida, quando descí a escada e cruzei, na altura do terceiro andar, com dois homens. Falavam espanhol, um idioma que não entendo, e usavam gabardines escuras e chapéus de aba larga que, por estarem eles num nível inferior ao meu, velavam seus rostos. Pela meia penumbra comumente reinante na escada e devido também à minha maneira silenciosa de me movimentar, não se deram conta da minha presença até ficarem frente a frente comigo, distantes tão só três degraus; então pararam de falar e, em vez de se afastarem para que eu pudesse continuar descendo (a escada é larga o bastante para duas pessoas, não para três), olharam-se um

ao outro durante uns instantes que me pareceram fixos em algo como um simulacro de eternidade (devo insistir que eu estava alguns degraus acima) e depois pousaram, com extrema lentidão, seus olhos em mim. Policiais, pensei, só eles conservam essa forma de olhar, herança de caçadores e de bosques umbrosos; depois me lembrei de que falavam espanhol, portanto não podiam ser policiais, pelo menos não policiais franceses. Pensei que se dispunham a falar comigo, o inevitável francês capenga dos estrangeiros perdidos, mas em vez disso o que estava diante de mim se pôs de lado, do pior modo imaginável, contra o ombro do seu companheiro, numa posição que certamente incomodaria os dois, e pude, depois de um breve cumprimento que não foi correspondido, continuar a descida. Por curiosidade, ao chegar ao primeiro patamar me virei e observei: continuavam ali, juraria que nos mesmos degraus, debilmente iluminados por uma lâmpada do patamar superior e, o que é de fato surpreendente, na mesma posição que adotaram para que eu pudesse passar. Como se o tempo houvesse parado, pensei. Ao chegar à rua, a chuva fez com que eu me esquecesse desse incidente.

Madame Reynaud estava sentada no fundo do restaurante, junto da parede, as costas como de costume bem retas. Parecia impaciente, mas ao me avistar seu rosto se tranquilizou, como se uma repentina lassidão fosse a maneira indicada para demonstrar que tinha me reconhecido e que me aguardava.

— Quero que vá ver o marido de uma amiga — foi a primeira coisa que disse mal tomei assento em frente a ela, de cara para um enorme espelho de parede do qual podia dominar a quase totalidade do restaurante.

Lembrei-me, sabe-se lá por que contorta analogia, do rosto de seu jovem marido, falecido pouco tempo antes.

— Pierre — repetiu reforçando cada palavra —, é urgente que veja, profissionalmente, o marido da minha amiga.

Creio que pedi uma taça de menta antes de perguntar de que doença padecia o senhor...

— Vallejo — disse madame Reynaud, e acrescentou, igualmente sucinta: — Solução.

Não sei por que as imagens desconexas de um rosto que podia ser o do falecido monsieur Reynaud se sobrepuseram aos corpos que bebiam e conversavam a uma ou duas mesas de distância.

— Solução? — perguntei com um triste sorriso que queria ser respeitoso.

— Está morrendo — afirmou com veemência minha interlocutora —, ninguém sabe de quê, não é brincadeira, o senhor tem de salvar a vida dele.

— Temo — sussurrei enquanto ela espiava nervosamente através das vidraças o fluir dos passantes da rue de Rivoli — que, se a senhora não for mais explícita...

— Não sou médica, Pierre, não entendo quase nada dessas coisas, bem sabe que minha desgraça foi essa, sempre quis ser enfermeira. — Seus olhos azuis brilharam enfurecidos. Madame Reynaud, de fato, não havia feito estudos superiores (na verdade não havia feito estudos de nenhum tipo), o que não era empecilho para que eu a considerasse uma mulher de viva inteligência.

Com um ligeiro muxoxo, baixando as pestanas, acrescentou com a entonação de quem recita algo aprendido de cor:

— Desde fins de março monsieur Vallejo está hospitalizado. Os médicos ainda não sabem o que ele tem, mas o certo é que está morrendo. Ontem começou a ter solução... — Deteve-se um momento, passou o olhar pela clientela, como se tentasse localizar alguém. — Quer dizer, começou ontem a soluçar constantemente sem que ninguém pudesse fazer nada para aliviar. O senhor sabe, o solução pode chegar a matar uma pessoa. Como se

isso não bastasse, a febre não baixa a menos de quarenta. Madame Vallejo, que conheço há anos, me ligou esta manhã. Está sozinha, não tem ninguém salvo os amigos do marido, quase todos sul-americanos. Ao me explicar sua situação pensei no senhor, mas é claro que não prometi nada a ela.

— Sua confiança é uma honra — consegui suspirar.

— Tenho fé no senhor — replicou de imediato.

Pensei que a fé era o primeiro requisito para amar. Ela me pareceu frágil. Seus olhos estavam secos (por que não estariam?) e pareciam estudar com morosidade as ombreiras do meu paletó.

— O que os médicos não conseguiram, o senhor pode fazer com acupuntura.

Pôs a mão em cima da minha; senti um ligeiro calafrio; os dedos de madame Reynaud, por um instante, me pareceram transparentes.

— Cria-me, o senhor é a única pessoa que pode salvar o marido da minha amiga, mas devemos nos apressar, se aceitar terá de ir ver Vallejo amanhã mesmo.

— Não posso me negar, é claro — disse sem me atrever a encará-la.

Sua exclamação atraiu a atenção de algumas mesas vizinhas:

— Eu sabia! Oh, Pierre, confio no senhor, confio tanto!

— Qual a primeira coisa que devo fazer? — atalhei-a, enquanto via no espelho meu rosto ruborizado, talvez feliz, e a figura do garçom falando com dois indivíduos vestidos de preto, altos e magros, de rosto descarnado, ao lado do caixa, como se estivessem pagando a conta ou fazendo uma confidência.

— Não sei, meu amigo, tenho de falar com Georgette, com madame Vallejo — precisou —, e marcar um encontro para amanhã cedo.

— Ótimo. Quanto antes eu tiver uma ideia do estado em que se encontra o marido da sua amiga, melhor — asseverei.

O garçom e os dois homens de preto se viraram para nos observar. Os desconhecidos, extremamente pálidos, moveram a cabeça, em uníssono, como que assentindo. Tive uma sensação estranha: nesse momento me pareceram, ambos, uma das encarnações possíveis da piedade. Perguntei-me se madame Reynaud não os conhecia.

— Estão nos observando.

— Quem?

— Ali, junto do caixa, dissimule, dois homens vestidos de preto. Para mim parecem um par de anjos, não acredita?

— Não diga bobagem, eu lhe suplico, os anjos são jovens e têm a pele rosada. Esses pobres homens parecem recém-saídos da prisão.

— Ou de um porão.

— Mas provavelmente são apenas empregados de escritório cansados, talvez doentes.

— É verdade. A senhora os conhece?

— Não, claro que não — respondeu, os olhos fixos no prendedor da minha gravata.

Parecia ter ficado menor.

Em que pesem meus esforços, o marido de madame Reynaud tinha morrido seis meses antes, na idade de vinte e quatro anos. Madame Reynaud se apresentou na minha casa com umas linhas do velho monsieur Rivette, um amigo comum, exatamente uma semana antes, e desde o primeiro momento eu soube que não poderia fazer nada; os médicos haviam desenganado Reynaud fazia tempo e era evidente que só o desespero juvenil de madame Reynaud concebia esperanças acerca da saúde do esposo. Contra o meu costume, também contra o meu cansaço, devo admitir, acedi a seus pedidos. Naquele mesmo dia visitei

monsieur Reynaud em seu leito de morte no Hospital da Salpêtrière, onde já de muito antes disso eu contava com a consideração de alguns doutores a quem algumas vezes auxiliei com meus conhecimentos elementares de acupuntura em sessões de terapia alternativa.

Monsieur Reynaud era moreno e de olhos verde-escuros, dir-se-ia um meridional, e fingia com grande desembaraço ignorar seu estado de saúde. Simpatizei com ele na mesma hora; era bonito e desajeitado, e bastavam cinco minutos a seu lado para compreender o amor que sua mulher lhe professava.

— Todos estão loucos se acreditam que vou me recuperar — confessou-me na segunda noite, depois que lhe expliquei detalhes sem importância da minha rotina diária, para distraí-lo e talvez para criar uma zona de confiança mútua.

— Não creia — sorri.

— O senhor não entende, Pain. — Seu rosto brilhava, ligeiramente inclinado para mim enquanto seus olhos procuravam algo que eu não podia ver.

Estive ao lado dele até sua morte.

— Não deve se culpar, todos sabíamos que era inevitável — consolou-me o doutor Durand na noite em que ele expirou.

A partir de então comecei a ver madame Reynaud a cada quinze ou vinte dias. Uma amizade? Não sei. Talvez algo mais, embora nossos encontros se limitassem a passeios ornamentados com diálogos que nunca comprometiam opiniões sentimentais ou políticas, ou que pelo menos nunca comprometiam as dela; quase sempre era eu quem falava e os temas, muito contra a minha vontade, versavam sobre minha já um tanto distante juventude, sobre a Grande Guerra, na qual combati, meus interesses pelas ciências ocultas, nosso amor comum pelos gatos. Também, é verdade, íamos a sessões de cinema, sempre por minha insistência, ou nos refugiávamos em restaurantes de qualquer bairro nos quais geral-

mente permanecíamos em silêncio. Um silêncio que confortava a ambos. Nunca houve nenhuma alusão sentimental, a não ser que se considerem como tais algumas confidências inofensivas que ela costumava me fazer sobre seu falecido esposo. Para finalizar, nunca tínhamos nos visitado em nossos domicílios particulares (excetuando-se a primeira vez que madame Reynaud foi me buscar com a carta de apresentação de monsieur Rivette), embora ambos tivéssemos nossos respectivos endereços.

Docemente, ao voltar para casa, comecei a recompor o rosto febril de monsieur Reynaud ao mesmo tempo que meditava sobre o soluço do desconhecido monsieur Vallejo. Imagem recorrente, refleti; nos últimos meses era difícil para mim não associar a doença e até a beleza à lembrança de monsieur Reynaud. Era quase meia-noite e eu havia passado o resto da noite num café do bairro de Passy em companhia de um velho conhecido, alfaiate aposentado que consagrava grande parte do seu tempo ao estudo do mesmerismo. Já não chovia. De alguma maneira, pensei, as pessoas que nos servem de ponte até os pacientes revelam o estado mais profundo destes. Os intermediários como radiografias. A teoria, certamente, era arriscada e no fundo eu não acreditava nela. O que madame Reynaud tinha me revelado de meu futuro paciente senão seu próprio desejo, um desejo mórbido, de me ver por fim curar alguém? E o que significava isso senão o justificado desejo de afiançar sua confiança em mim? Já que eu não havia salvado seu marido, e esse era meu papel e minha missão quando apareci em sua vida, devia salvar agora o marido da sua amiga e atestar com esse ato uma realidade, uma ordem lógica e superior dentro da qual podíamos continuar sendo quem éramos. Talvez chegar, finalmente, a nos reconhecer, e após o reconhecimento mudar, no meu caso aspirar à felicidade. (Uma felicidade razoável, parecida com a diligência e a confiança.) No entanto havia alguma coisa que não se

encaixava, que eu intuía nos silêncios de madame Reynaud, no meu próprio estado sensorial, alerta por razões que eu desconhecia. Um mal-estar extraordinário subjazia detrás das coisas mais insignificantes. Creio que eu vislumbrava o perigo, mas ignorava sua natureza.

De repente, como para justificar meus temores, ao virar a esquina da minha rua normalmente deserta àquelas horas, ouvi passos que se aceleravam. Andei mais uns tantos metros antes de parar, surpreso. Estão me seguindo, constatei com o mesmo misto de certeza e espanto com que os soldados descobrem estar com uma perna gangrenada. Seria possível?

Com cautela, olhei por cima do ombro; dois homens, a uns vinte metros, caminhavam na mesma direção que eu, muito juntos, um ao lado do outro a ponto de parecerem irmãos siameses, os chapéus de aba larga, desmedidos, as silhuetas negras recortadas pela luz do poste da outra calçada.

Soube que não tiravam o olho de cima de mim enquanto andavam. Senti-me observado até a dor, uma dor que me desnaturava. Percorri depressa o trecho que me separava de meu edifício. Não me lembro de tê-los ouvido correr, por isso suponho que minha reação deve tê-los pegado desprevenidos. Ao transpor o umbral, depois de fechar não sem esforço a porta do saguão, descobri que estava empapado de suor. Com as costas apoiadas na porta, pensei: a transpiração é sinal inequívoco de saúde. Depois me senti profundamente envergonhado; devo ter corrido, disse para mim mesmo, e os homens devem ter pensado, com toda razão, que fugia deles etc. Justo quando terminava essas recriminações que a nada levavam salvo à minha própria humilhação, quando já tomava fôlego para escalar os empinados degraus até o quinto andar, ouvi, do outro lado do portal e quase à altura do meu ouvido, as vozes de duas pessoas falando atropeladamente algo em espanhol.